

Classes de nome, classificadores e termos de classe em Kipeá (Karirí)

*Davi Borges de Albuquerque*¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas características tipológicas existentes no sistema de classificação nominal do Kipeá (família Karirí). Os dados apontam que os componentes do sistema de classificação nominal do Kipeá encontram-se em posições diferentes em um *continuum* de gramaticalização, um localizando-se em uma posição mais lexicalizada, outro em uma posição intermediária e o último em uma posição mais gramaticalizada.

Palavras chave: classificação nominal, família Karirí, tipologia linguística.

Abstract: This paper intends to present some typological features of Kipeá nominal classification system. First, it will be done a bibliographical review of the so called classifiers in Karirí family, especially Kipeá language. Linguistic data show that the Kipeá nominal classification elements occupy different positions in a grammaticalization continuum. One of them occupies an intermediary position, another occupies a less grammaticalized position, and the last one, occupies a more grammaticalized position.

Keywords: Nominal classification. Karirí family. Typological linguistics.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresentará uma proposta tipológica do sistema de classificação nominal da língua Kipeá. Assim, primeiramente, algumas informações sobre a família Karirí e o Kipeá serão brevemente apresentadas.

Na seção 2, será realizada uma revisão do que já foi dito sobre os classificadores no Kipeá, como também uma revisão da bibliografia funcional-tipológica sobre classificação nominal. Em seguida, com base nos pressupostos teóricos discutidos na seção anterior, será feita uma proposta sobre a tipologia do sistema de classificação nominal no Kipeá. Finalmente, algumas considerações finais serão comentadas.

O Karirí era um povo que habitava diferentes áreas no interior do estado da Bahia e sofreu um grande impacto com a colonização; considerado extinto no século XIX. Atualmente, segundo o ISA (2000, p. 535-538), o grupo étnico Karirí sobrevive disperso em três povos diferentes somando cerca de 4000 índios, divididos entre Kirirí, Kariri-Xokó e Xukuru-Kariri, porém todos os índios são falantes do português.

A família Karirí é classificada como pertencente ao tronco Macro-Jê, segundo Rodrigues (1986; 1999) e composta por quatro membros, a saber: Kipeá, Dzubukuá, Pedra Branca e Sabujá. Alguns destes dialetos foram bem documentados por dois missionários no final do século XVII e início do XVIII. O Kipeá possui um catecismo

¹ Graduado em Letras/Português do Brasil como segunda língua pela Universidade de Brasília. Professor Cooperante da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNITL). E-mail: albuquerque00@hotmail.com

bilíngue (MAMIANI, 1942) e uma gramática (MAMIANI, 1877). O Dzubukuá possui um catecismo bilíngue (NANTES, 1896). Há também uma documentação sobre os dois outros dialetos, Sabujá e Pedra Branca, mas consiste apenas em uma pequena lista de palavras dos dialetos citados (MARTIUS, 1867).

2 CLASSIFICADORES EM KIPEÁ

O jesuíta italiano que nos legou as duas documentações da língua Kirirí foi quem primeiro apresentou a descrição dos fenômenos identificados posteriormente como classificação nominal. Em sua gramática, Mamiani afirma que os “nomes adjectivos” recebem doze partículas e estas se fixam a alguns adjectivos “conforme a variedade da materia dos seus Substantivos com que concordão” (MAMIANI, 1877, p. 53).

Ainda segundo Mamiani, existem regras de uso destas partículas. As regras de uso descritas por ele consistem em um inventário de como estas partículas são usadas conforme a forma espacial do nome a que o adjectivo se refere (quadro 1). Mas mesmo com seu conjunto de regras, o autor levanta diversas exceções às regras apresentadas por ele.

<i>be-</i>	‘montes, pratos, bancos, testas, etc.’
<i>cro-</i>	‘aves, pedras, estrelas, coisas redondas, olhos, frutas, etc.’
<i>cru-</i>	‘líquidos e rios’
<i>epru-</i>	‘molhos e cachos’
<i>he-</i>	‘paus, pernas, coisas de pau.’
<i>ho-, hoi-</i>	‘cordas, cipós, fios, cobras’
<i>ya-</i>	‘objetos de ferro, ossos e coisas pontiagudas’
<i>mu-, mui-</i>	‘raízes comestíveis’
<i>nu-</i>	‘buracos, poços, bocas, campos, vargens, cercados’
<i>ro-</i>	‘roupas, panos e peles’
<i>woro-</i>	‘caminhos, conversas, falas, histórias’
<i>bu-</i>	‘casas, flechas, vazilhas, espigas, seres vivos, exceto pássaros’

Quadro 1: Prefixos classificadores em Kipeá (MAMIANI, 1877, p. 53; RODRIGUES, 1997, p. 69-72)

Na seção “Dos pronomes possessivos”, ele nos apresenta a regra geral do uso dos “pronomes possessivos” e de como se elaboram construções desse tipo na língua. Segundo o autor, a posse se expressa ora por artigo, ora por partículas, e comenta que alguns substantivos formam “possessivos recebendo um outro substantivo, no entanto,

trata-se de um substantivo genérico”. A lista dos substantivos genéricos apresentada por Mamiani segue no quadro 2:

<i>enki</i>	‘animais domésticos’
<i>uapru</i>	‘comida coletada (não cultivada)’
<i>ude</i>	‘cozido’
<i>upodo</i>	‘assado’
<i>udje</i>	‘cultivada (exceto mandioca)’
<i>uanhi</i>	‘mandioca’
<i>ubo</i>	‘frutas (coletadas coletadas verdes)’
<i>uito</i>	‘achados’
<i>u-boronunu</i>	‘espólios’
<i>ukisi</i>	‘coisas recebidas em partilhas’
<i>uba</i>	‘presentes de estrangeiros’
<i>E</i>	‘coisas carregadas’

Quadro 2: classificadores possessivos em Kipeá (MAMIANI, 1877, 59-61; RODRIGUES, 1997, p. 72-74)

A primeira revisão dos dados linguísticos do Kipeá relativos à classificação nominal, presentes em Mamiani (1877), a luz das teorias linguísticas modernas foi realizada por Rodrigues (1997). Neste artigo, o autor afirma que o Kirirí efetua a classificação nominal através de três maneiras:

- um conjunto de prefixos classificadores que são acrescentados a palavras quantitativas e a adjetivos descritivos (os “nomes adjetivos” e suas partículas, de Mamiani);
- um conjunto de classificadores possessivos usados principalmente com nomes de bens adquiridos (os “substantivos genéricos” de Mamiani);
- uma distinção entre animado e inanimado em palavras interrogativas e demonstrativas.

Sobre o primeiro tipo de classificação nominal identificada por Rodrigues (1997, p. 69-70), ele nos fornece as duas listas presentes em Mamiani (1877), são elas: a lista dos adjetivos a que os prefixos são afixados, e a lista dos doze prefixos classificadores quanto à forma do substantivo.

Esses prefixos classificadores parecem ter uma origem lexical clara, sendo monossílabos ou derivados de palavras maiores. Há indícios de que certos nomes possam receber – ou ter recebido e se cristalizado – o prefixo classificador, mas Rodrigues afirma que isto não acontece.

Ainda sobre os prefixos classificadores, o autor afirma que quando o conjunto cl.+Adj. vem antecedendo o nome, este possui um caráter quantitativo, e quando vem

seguindo o nome possui um caráter descritivo. O autor ainda afirma que os adjetivos descritivos podem formar predicados sem cópula e receberem o prefixo classificador, e podem até sofrer flexão.

Após sua análise, o autor tenta encontrar um esquema de parâmetros destes prefixos classificadores, elaborando um quadro que os divide quanto à dimensão (1, 2, 3) e quanto ao movimento (estático, dinâmico), colocando ainda as classes de objetos amorfos e raízes comestíveis.

A segunda maneira identificada pelo autor, os chamados classificadores possessivos, expressam a posse através de um nome genérico e Rodrigues afirma que isto não é incomum nas línguas indígenas sul-americanas. Ele apresenta os doze nomes genéricos, que Mamiani já havia apontado, que servem como mediadores de posse e afirma que os doze nomes cobrem todas as formas de se adquirir bens entre os Kirirí.

Finalmente, a terceira forma identificada é a presença de prefixos *a-*, *æ-*, *e-* em palavras interrogativas e demonstrativas para diferenciar a classe de seres animados dos seres inanimados, que recebem o prefixo *u-*.

Em um trabalho posterior, Rodrigues (1999) apresenta algumas características tipológicas das línguas e famílias linguísticas que fazem parte do tronco Macro-Jê. Uma das características tipológicas da família Karirí apontada pelo autor consiste no sistema de classificação nominal. Ele afirma novamente que os prefixos classificadores são colocados apenas em palavras quantificadoras e adjetivos descritivos de dimensão, consistência e cor, de acordo com a forma do referente do nome, e estes prefixos são chamados por ele de prefixos classificadores, e ainda reitera que os nomes em Kirirí não possuem marcação de classe, somente os adjetivos citados.

Quanto aos classificadores possessivos, nesse trabalho são chamados de “nomes genéricos”, que aparecem em construções genitivas (*genitive phrases*), de acordo com as classes de objetos de posse alienável, conforme eles foram adquiridos.

Não há comentário algum sobre a distinção de classe animado e inanimado em palavras interrogativas e demonstrativas.

3 A CLASSIFICAÇÃO NOMINAL NA TEORIA FUNCIONAL-TIPOLOGICA

3.1 CLASSIFICADORES

Segundo Grinevald (2002) e Grinevald e Seifart (2004), classificadores consistem em um sistema léxico-sintático com função linguística de categorização dos nomes. Esse sistema possui uma clara motivação semântica, um tamanho amplo de seu inventário, características morfossintáticas e pragmáticas específicas. Os classificadores encontram-se numa posição intermediária em *continuum* de gramaticalização (figura1):

<Lexical	Morfossintático>	
Termos de classe	Classificadores	Classes de nomes
Termos de medida		Gênero

Figura 1: Continuum de gramaticalização

Ainda Grinevald (2000) afirma que os classificadores diferem-se dos itens lexicais por marcar uma categoria do nome, não possuindo um valor lexical específico. Eles diferem-se das classes de nomes pelo seu grau incompleto de gramaticalização, possuindo uma origem lexical bem definida, e são utilizados em construções sintáticas específicas.

Os tipos de classificadores são quatro: numerais, nominais, genitivos e verbais. Esta terminologia é morfossintática, baseada na posição do classificador e de qual morfema encontra-se mais próximo dele (GRINEVALD, 2000). A seguir, serão apresentados as formas, funções e exemplos ilustrativos dos quatro tipos de classificadores.

Os classificadores numerais podem ser morfemas livres ou presos e possuem a função de quantificação na construção na qual é utilizado. Eles são os exemplos mais prototípicos de classificadores, assim são mais fáceis de ser identificados. Os exemplos abaixo são extraídos do japonês:

Japonês (MATSUMOTO, 1990, p. 1,7 *apud* GRINEVALD, 2001)

1. enpitsu ni -hon
lápiz dois -CL
'dois lápis.'
2. hon ni -satsu
livro dois -CL
'dois livros.'

Os classificadores nominais são morfemas livres e possuem a função de determinar o nome ao qual estão se referindo. Os casos prototípicos e bem estudados desse tipo de classificador encontram-se nas línguas meso-americanas.

Jakaltek (CRAIG, 1986, p. 264)

3. xil naj xuwán no' lab'a
ver.PASS CL.homem João CL.animal cobra
'João viu a cobra.'
4. caj te? tahnaj ixpix
vermelho CL.planta tomate
'o tomate é vermelho.'

Os classificadores genitivos são morfemas livres ou presos que são utilizados em construções possessivas marcando o possuidor e classificando semanticamente o possuído. Os exemplos prototípicos são de línguas da Oceania e da Micronésia e os exemplos abaixo são do Tuyuca.

Finalmente, ainda há outra maneira eficaz de se verificar a existência dos termos de classe em uma língua, bem como justificar sua presença na tipologia de classificação nominal. Esta maneira consiste na existência das duas categorias de classificação em uma mesma língua; termos de classes e classificadores, conforme Delancey (1986) apontou na família Thai. Mas tal fenômeno pode ser encontrado também nas línguas da família Jê, entre elas: Panará e Xerênte.

Xerênte-Jê (SOUSA FILHO, 2007, p. 114 ss.)

Termos de classe:

11. $kakr\tilde{}$ + **wde** > $kakr\tilde{}$ wde (bacaba + árvore) 'pé de bacaba'
 $hesp\perp$ + **wde** > $hesp\perp$ wde (banana + árvore) 'pé de banana'
12. **tpe** + $b\neq$ > $tpeb\neq$ (peixe + rabo) 'arraia'
tpe + $n\ddot{o}kwa$ > $tpen\ddot{o}kwa$ (peixe + alguém) 'pescador'
tpe + $p\tilde{n}$ + pre > $tpep\tilde{n}pre$ (peixe + matar + bater) 'gavião'

Classificadores:

13. wde - $kr\tilde{}$ \leftrightarrow $ikuz$ \leftrightarrow -**kr** $\tilde{}$ $m\tilde{}$ t \emptyset - $wapt\tilde{}$ r
 pé de laranja-CL 3.PAS.PERF.REAL 3-cair
 'a laranja caiu.'
14. $pik\ddot{o}$ $m\tilde{}$ to $hesp\perp$ -**kr** $\tilde{}$ $km\ddot{e}$ su - $z\neq$
 mulher 3.PAS.PERF.REAL.Ev banana-CL PARTT CL-cortar
 'ela cortou o cacho de banana.'

Panará-Jê (DOURADO, 2001, p. 206 ss.)

Termos de classe:

15. $ki\ddot{a}$ -k fruto - invólucro 'casca'
 p ri-k pau - invólucro 'canao'
 $p\ddot{e}$ -k branco - invólucro 'vestido'
16. $m\ddot{o}$ - $s\neq$ milho - semente 'milho'
 $t\ddot{u}$ - $s\neq$ capim - semente 'arroz'

Classificadores:

17. $piu\ddot{f}$ $y\neq$ $\eta t\neq k$ ηri
 $jenipapo$ REAL.INTR =CL =secar
 'o jenipapo murchou (em referência à casca).'
18. $pratu$ $kr\leftrightarrow$ $\eta k\ddot{i}ni$

prato CL (côncavo) =limpo
'prato limpo.'

3.3 CLASSES DE NOME

As classes de nome localizam-se no extremo mais gramaticalizado do *continuum* e as línguas Niger-Congo são consideradas como exemplo prototípico desse sistema de classificação nominal. Segundo Creissels (2001), classes de nome é um sistema próximo ao sistema de gênero, que aciona mecanismos de concordância e é fortemente gramaticalizado.

O alto grau de gramaticalização das classes de nome é justificado pelos seguintes traços prototípicos: o nome determina a concordância de seus modificadores (outros nomes, pronomes, verbos), os modificadores devem possuir obrigatoriamente as marcas de classe - geralmente afixos - de acordo com o nome que rege a concordância, as marcas de classe são portadoras de diversas informações semânticas - geralmente são informações de número e gênero - e não são analisáveis.

Tswana - Niger-Congo (CREISSELS, 2001, p. 158 e segs)

19. cl.1 **mo**-sadi **yo mo**-cha 'mulher nova'
cl.2 **ba**-sadi **ba ba**-cha 'mulheres novas'
cl.3 **mo**-lemo **o mo**-cha 'remédio novo'
cl.4 **me**-lemo **e me**-cha 'remédios novos'
cl.5 **le**-kau **l**-a motse 'rapaz da cidade'

20. **mo**-sadi **yo** ke **mo**
CL.1-mulher CONEC.1 1.SG.SUJ OBJ.1
thusitseng maabane
ajudar ontem
'a mulher que eu ajudei ontem.'

21. **le**-kau **le** ke **se**
CL.5-rapaz CONEC.5 1.SG.SUJ OBJ.5
thusitseng maabane
ajudar ontem
'o rapaz que eu ajudei ontem.'

As classes de nome das diferentes línguas Niger-Congo não possuem uma motivação semântica clara, e ainda apresentam alguns problemas em seu uso: nomes que recebem a mesma marcação de classe podem ter marcação de concordância diferente, nomes que recebem marcação de classe diferente podem ter a mesma marcação de concordância, as marcações podem convergir dificultando a identificação da classe. Esses problemas são apontados como um argumento para a hipótese de que tais classes de nome se gramaticalizaram há muito tempo, e que no estado atual das línguas estão passando por um processo de desintegração ou procurando estabilizar-se.

Para Grinevald (2000) e Grinevald e Seifart (2004), é importante identificar os sistemas de classes de nome, prototipicamente correspondendo ao sistema das línguas Niger-Congo, e conhecer seus diferentes estágios de estabilidade e desintegração, para haver um melhor conhecimento do desenvolvimento e funcionamento dos diferentes sistemas de classificação nominal, pois isso é importante para o estudo da classificação nominal das línguas Amazônicas que muitas vezes é encarado como um sistema “exótico” que desafia as teorias linguísticas vigentes.

4 TIPOLOGIA DO SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO NOMINAL KIPEÁ

Na seção anterior, vimos o *continuum* de gramaticalização e onde se localizam neste continuum as diferentes formas de classificação nominal das línguas do mundo. Na extremidade menos gramaticalizada (mais lexicalizada), encontram-se os termos de classe e os termos de medida, na extremidade oposta, a mais gramaticalizada, localizam-se o sistema de gênero e as classes de nome, e em posição mediana está localizado os classificadores.

Procuraremos a seguir analisar, segundo a teoria funcional-tipológica, em que medida o sistema de classificação nominal do Kipeá enquadra-se nos tipos linguísticos descritos, e, caso se enquadre em algum tipo, trata-se de um enquadramento mais prototípico, ou mais periférico.

Conforme pode ser visto na seção 2, o Kipeá possui diferentes formas de categorizar os nomes em sua língua e essas formas são, ainda, realizadas de maneira independente. A proposta tipológica sugerida a seguir para o Kipeá baseia-se na teoria funcional-tipológica e nos dados linguísticos presentes na gramática e no catecismo de Mamiani (1942) conforme foi apresentado e discutido nas seções anteriores.

O Kipeá, como será visto em seguida, apresenta os três tipos linguísticos de classificação nominal discutidos na seção 3. Os chamados “prefixos classificadores” são considerados no presente trabalho como termos de classe (4.1), os substantivos genéricos de posse são tratados aqui como classificadores (4.2), e, finalmente, os prefixos a- e u- presentes nas palavras demonstrativas e interrogativas são considerados termos de classe (4.3).

4.1 TERMOS DE CLASSE

Os “prefixos classificadores”, identificados por Mamiani em sua gramática, possuem um uso restrito – são usados somente com um inventário lexical reduzido de adjetivos e numerais –, segundo sua gramática. Ainda, em Rodrigues (1997) é identificada a origem lexical de diversos desses “prefixos”, ou seja, alguns deles possuem uma origem lexical bem definida, entre eles temos: *bé* ‘topo’, *cró* ‘pedra’, *hebarú* ‘tronco de árvore’, *hó* ‘fio’, *mú* ‘raiz’, *nucrá* ‘caverna’, *ró* ‘roupa’ e *woro* ‘caminho’. E ainda temos o caso de *yawó* ‘gancho’ *yacróro* ‘anzol’ *yaridzí* ‘espora’ que causam problemas quanto ao chamado sistema de classificadores serem utilizados somente em adjetivos. Entretanto, é provável que todos eles possuam uma origem bem definida, porém esta não chegou até nós, devido à morte da língua e ao léxico do Kipeá estar limitado aos trabalhos de Mamiani.

Conforme apresentado na seção 3.2, os termos de classe são: morfemas classificatórios que fazem parte da expansão lexical da língua, mas são diferentes tanto dos morfemas derivacionais, como dos classificadores, pela sua pouca produtividade na língua, não são usados em expressões quantificadoras e outras construções gramaticais, apenas em algumas construções específicas.

Kipeá (MAMIANI, 1942, p. 64,105,145)

22. **kro-yo** uʃe sai pi-kri mo rada
CL-muitos sol dedo (?) estar-PERF LOC terra
'Deteve-se na terra muitos dias.'²

23. **ju** bihe semboho **kro-bihe** uʃe
comer um então CL- um sol (dia)
'Comer uma vez ao dia.'

24. koto hietsã do **bu-bihe** i-bu masiki
roubar 1SUJ DAT CL-um 3-orelha
milho
do **bu-bihe** erumu boho
DAT CL-um abóbora ou
'Eu roubei uma espiga de milho, ou uma abóbora.'

4.2 CLASSIFICADORES

Os substantivos genéricos de posse, denominados de classificadores possessivos, possuem uma origem lexical clara. Eles também são utilizados como formas livres, e somente são usados de maneira classificatória em um contexto morfossintático específico: construções genitivas e substantivos com um traço semântico de bem possuível.

Como pode ser visto em 3.1, classificadores possuem: a função linguística de categorização dos nomes, uma clara motivação semântica, um tamanho amplo de seu inventário, e, ainda, características morfossintáticas e pragmáticas específicas.

Prototipicamente, os classificadores são diferenciados dos itens lexicais por marcar uma categoria do nome e porque não possuem um valor lexical específico das classes de nomes pelo seu grau incompleto de gramaticalização; por possuir uma origem lexical bem definida, e serem utilizados em construções sintáticas específicas.

Os exemplos abaixo do Kipeá corroboram para o enquadramento tipológico dessa forma de categorização no grupo de classificadores:

Kipeá (MAMIANI, 1877, p. 59)

25. **dz-upodo** do sabuka
1-assado INSTR galinha
'meu assado de galinha.'

² A escrita dos dados do Kipeá encontra-se aqui fonologizada, de acordo com a proposta do presente autor.

26. dz-**uba** do sabuka
1-presente INSTR galinha
'minha galinha (presente).'
27. hi=**enki** do kradzo
1=criação INSTR vaca
'minha criação de vaca.'
28. dz-**uapru** do murawo
1 - comida coletada INSTR porco
'meu porco (caçado).'

Contudo, esse enquadramento tipológico é mais periférico, pois os nomes que funcionam como classificadores em Kipeá, quando usados fora do contexto morfossintático identificado (construções genitivas) comportam-se como formas livres:

Kipeá (MAMIANI, 1942, p. 107)

29. do³ benhe ku-na kenkiche do sabuka boho,
DAT contar 1PL-ERG (?) DAT galinha ou
do kradzo boho, do karneiru boho, do kure boho,
DAT vaca ou DAT carneiro ou DAT gado ou
do kabaru boho di-sa-kri-ri s-emboho kro-bihe bati.
DAT cavalo ou 3-nascer-PERF-RELT 3-COM CL-um ano
'havemos de contar a criação nova que nasceu em um ano, ou de galinha, ou de gado, ou de ovelhas, ou de porcos, ou de cavalos.'

4.3 CLASSES DE NOME

Os morfemas *a-*, e seus alomorfes *æ-/e-*, e *u-* presentes nas palavras demonstrativas e interrogativas, segundo Rodrigues (1997), fazem a oposição de classe animado x inanimado, respectivamente:

Animado		Inanimado	
<i>adjé</i>	'quem'	<i>udjé</i>	'o que'
<i>eró</i>	'este,esse'	<i>uró</i>	'isto,isso'
<i>aetçi</i>	'aquele cujo nome esqueci'	<i>utçi</i>	'aquilo cujo nome esqueci'

Quadro 2: Demonstrativos e interrogativos em Kipeá (RODRIGUES, 1997, p. 74-75)

Kipeá (MAMIANI, 1942, p. 114, 117, 75)

³ O status de algumas adposições em Kipeá é um pouco controverso. Há algumas cuja descrição não apresenta dificuldades como o *mo* 'locativo', ou o *no* 'ergativo'. A adposição *do*, porém, além de possuir diversas funções, como 'ablativo', 'alativo' e 'instrumental', ainda marca relações entre as orações dependentes, como as demais adposições Kipeá também podem marcar.

30. adje d- u -waikutsu-ri mo yebedzu Tupã?
quem 3-ANTIP- batizar -RELT LOC água.benta Deus
'quem é que batiza?'
31. ud̃e idze di-pa-kri-ri?
como⁴ nome 3-matar-PERF-RELT
'como se chamam os que foram mortos?'
32. ud̃e uro?
o.que isso?
'o que é isso?'

As classes de nome, conforme apresentado em 3.3, localizam-se no extremo mais gramaticalizado do *continuum*. Os traços prototípicos que justificam e facilitam a identificação das classes de nome são os seguintes: elas acionam concordância, os modificadores devem possuir as marcas de concordância de acordo com a classe (na maioria dos casos são afixos), as marcas de classe são portadoras de diversas informações gramaticais e semânticas, e estas não podem ser analisadas.

Os argumentos para o enquadramento tipológico dessa categorização do Kipeá como classe de nome serão expostos adiante. Primeiro, Rodrigues (1992) já havia notado a presença do prefixo *u-* em dez dos doze classificadores e sugere que este prefixo é provável cognato do marcador de posse alienável de outras línguas do tronco Macro-Jê (línguas Jê, Maxakalí e Boróro) e que foram adicionados a eles morfemas específicos.

Segundo, Azevedo (1965, p. 71 e segs.) ao descrever os demonstrativos em Kipeá organiza um quadro com *ero* na posição [+ pessoa] e *uro* na posição [+ coisa], enquanto localiza o demonstrativo *ro* em posição intermediária. Isso sugere que os prefixos *e-* e *u-* foram acrescentados ao demonstrativo para marcar classe.

Kipeá (AZEVEDO, 1965, p. 72):

33. Mo ro watʃani ani
LOC DEM dois
'nesses dois.'
34. Mo ro e-buange-te
LOC DEM 2-pecado-NOM
'nesse teu pecado.'

Terceiro, em sua análise do prefixo *u-* Ribeiro (2002a; 2002b) sugere que no Kipeá, por ser uma língua ergativa (LARSEN, 1984) e possibilitar a realização de construções relativas e antipassivas, o prefixo *u-* que é utilizado nas construções

⁴ Esta tradução da palavra *udje* 'como' é livre e adaptada à estrutura sintática da língua portuguesa, pois quando usada em orações interrogativas possui um traço [-animado] e é o que introduz esse tipo de oração, sendo melhor traduzido como 'o que é', ou 'que coisa é'.

Dessa maneira, o Kipeá apresenta a maioria das características das classes de nome, a única característica que ele não apresenta é a marcação clara de concordância que se encontra presente nos casos prototípicos, mas ela pode ter se perdido com o tempo, ou caído por causa do rearranjo tipológico sofrido pela língua (RODRIGUES 1999; RIBEIRO 2002b), e deixado apenas alguns vestígios fossilizados como foi visto em alguns itens lexicais e nos classificadores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das classes de nome e dos classificadores nominais vem ganhando destaque na linguística pelo fato de ser uma janela única que permite estudar como os seres humanos constroem representações do mundo e como eles as codificam em suas línguas (GRINEVALD, 2002).

Em Grinevald e Seifart (2004) é sugerido que os sistemas de classificação nominal das línguas indígenas precisam ser estudados, pois eles apresentam uma grande contribuição para a linguística, já que muitas línguas apresentam sistemas de classificação nominal mais periféricos, e por isso muitas vezes são considerados “exóticos”.

Este trabalho pretendeu contribuir apresentando mais evidências ao trabalho pioneiro de Rodrigues (1997) sobre o Kipeá, assim como fazer um enquadramento funcional-tipológico da classificação nominal nesta mesma língua.

Como foi visto, o Kipeá não apresenta nada de exótico, possuindo os termos de classe, os classificadores e as classes de nome com muitas das características prototípicas já estudadas, segundo a teoria funcional-tipológica, para esses sistemas em outras línguas, mas também algumas características mais periféricas em relação aos protótipos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, G. M. C. *Língua Kariri: descrição do dialeto Kipeá*. Dissertação de mestrado. Brasília: UnB, 1965.

BARNES, J. Classifiers in Tuyuca. In: D. L. Payne (ed.), *Amazonian Linguistics: Studies in lowland South American languages*. Austin: University of Texas Press, 1990. p. 273-292.

CRAIG, C (org.). *Noun Classes and Categorization*. Oregon: J. B. Publishing Company, 1986.

CREISSELS, D. Les systèmes de classes nominales des langues Niger-Congo: prototype et variations. *Linx*, n. 45, p. 157-166, 2001.

DELANCEY, S. Beyond history of Thai nominal classification system. In: CRAIG, C (org.). *Noun Classes and Categorization*. Oregon: J. B. Publishing Company, 1986. p. 437- 452.

DOURADO, L. *Aspectos Morfossintáticos da língua Panará (Jê)*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2001.

- GRINEVALD, C. A morphosyntactic typology of classifiers. In: SENFT, G. (ed.) **Systems of Nominal Classification**. Cambridge: CUP, 2000. p. 50-92.
- GRINEVALD, C. Linguistics of Classifiers. In: SMELSER, N. J.; BALTES, P. B. **International Encyclopedia of the Social Behavioral Sciences**. Oxford, 2001. p. 1973-1978.
- GRINEVALD, C. Making sense of nominal classification systems. In: WISCHER, I. & GRINEVALD, C.; SEIFART, F. Noun classes in African and Amazonian languages: towards a comparison. **Linguistic Typology**, n. 8, p. 243-285, 2004.
- Instituto Socioambiental. **Povos Indígenas do Brasil 1996/2000**. São Paulo, 2000.
- LARSEN, T. W. Case marking and subjecthood in Kipeá, Kiriri. **Berkley Linguistic Society Proceedings**, n.10, p. 189-205, 1984.
- MAMIANI, L. V. **Arte de grammatica da língua brazilica da nação Kiriri**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1877.
- MAMIANI, L. V. **Catecismo da doutrina christã na língua brasílica da nação Kiriri**. edição fac-símile. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1942.
- MARTIUS, C. F. P. **Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens**. V. 2. Leipzig: Fleischer, 1867.
- MITHUN, M. The convergence of noun incorporation. In: CRAIG, C (org.). **Noun Classes and Categorization**. Oregon: J. B. Publishing Company, 1986. p. 379-398.
- NANTES, B. 1709. **Katecismo indico da língua Kariris**. Leipzig, edição fac-símile publicada por J. Platzmann, 1896.
- RIBEIRO, E. R. O marcador de posse alienável em Kariri: um morfema Macro-Jê revisitado. **LIAMES**, n. 2, p. 31-48, 2002a.
- RIBEIRO, E. R. On the grammaticalization of an antipassive marker in Karajá and Kariri. Trabalho apresentado no **Workshop on American Indian languages** (WAIL 2002). Santa Bárbara: Universidade da Califórnia, 2002b.
- RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.
- RODRIGUES, A. D. Um marcador Macro-Jê de posse alienável. **Anais da 44ª Reunião Anual da SBPC**. São Paulo: SBPC, 1992. p. 386.
- RODRIGUES, A. D. Nominal classification in Kariri. **Opción**, n. 13, p. 65-79, 1997.
- RODRIGUES, A. D. Macro-Jê. In: Dixon, R. M. W. & Aikhenvald, A. Y. (orgs). **The Amazonian Languages**. Cambridge: CUP, 1999. p 107-124.
- SENFT, G. (ed.) **Systems of Nominal Classification**. Cambridge: CUP, 2000.
- SOUSA FILHO, S. M. **Aspectos Morfossintáticos da língua Akwê-Xerente (Jê)**. Tese de doutorado. Goiânia: UFG, 2007.

Abreviaturas utilizadas

1	1ª pessoa
1.SG.SUJ	sujeito singular da classe 1
1 SUJ	1ª pessoa sujeito
2	2ª pessoa
3	3ª pessoa
3COR	3ª pessoa correferencial
ANT	antipassiva
CL	classificador
CL.1	classe 1
COM	comitativo
CONEC.1	conectivo da classe 1
DEM	demonstrativo
ERG	ergativo
GEN	genitivo
LOC	locativo
INTR	instrumental
NOM	nominalizador
OBJ.1	objeto da classe 1
PARTT	partitivo
PAS	passado
PAS.PERF.REAL	passado perfectivo realis
PERF	perfectivo
REAL.INTR	realis intransitivo
RELT	relativizador

Recebido em 24/10/2009

Aceito em 01/11/2009